

Entre gwokas e habitations: memória da escravidão e tradições em Guadeloupe, Caribe.

Mariana Vitor Renou (doutoranda no PPGAS/MN/UFRJ)

Palavras-chaves: Caribe; Guadeloupe; memória; escravidão.

Chegada

Abril de 2013, parto do Rio de Janeiro para o pequeno arquipélago de Guadeloupe. Aterrissamos em Grand-Terre, ilha que parece estar ligada contiguamente à outra ilha, Basse-Terre, em um pequeno trecho de seu litoral, mas ali há uma pequena faixa de mar que as separa. Estão interligadas por pontes, e se encontram de tal forma dispostas e tem um formato de tal maneira peculiar que como dizem os habitantes formam as asas de um “papillon”, de uma borboleta. Grand Terre e Basse Terre são a Guadeloupe propriamente dita. As terras vizinhas, Marie-Galante, o arquipélago dos Saintes (Terre-de-Haut e Terre-de-Bas) e La Désirade são ilhotas ligadas administrativamente a esse território.

Sigo para comuna Abymes, onde fiquei hospedada. Guadeloupe, departamento francês no Caribe, tem pouco mais de 400 000 habitantes, 1628 Km², divididos em 32 comunas, cada qual com seu prefeito. Abymes é a comuna mais populosa, uma das poucas que não faz fronteira com o mar, é vizinha de Point-à-Pitre, principal comuna de Grand Terre, e é também uma comuna popular, onde predominam os condomínios de grandes prédios padronizados com apartamentos simples, habitados por trabalhadores. Segundo meu anfitrião, antes era uma comuna paupérrima e violentíssima, que com obras e políticas sociais, melhorou bastante.

No caminho do aeroporto de Point-à-Pitre até Abymes deparei-me com uma grande avenida, a Boulevard dos Heróis, onde ficava o condomínio de meu anfitrião. A avenida conduz ao centro de Point-à-Pitre, e ao longo dela nos deparamos com grandes monumentos instalados na parte central de três rotatórias.

O primeiro monumento representa Louis Delgrès, consiste em uma perna flexionada apoiada no alto de um bloco de mármore vermelho, sobre a perna repousa um braço que segura a cabeça de Delgrès, que olha um livro aberto. Não há corpo, e de longe é possível imaginar a silhueta do corpo inexistente a partir dos membros que estão dispostos. Ao redor do mármore, estátuas de várias pessoas, de mãos dadas. Um homem de peito estufado que se impõe, logo abaixo da cabeça de Delgrès, ele dá sua mão direita a outro homem que grita e

que está com o braço esquerdo erguido, e tem sob seus pés um homem caído, que segura a mão de outro homem que apoia uma mulher de um lado, enquanto outra figura masculina lhe apoia do outro lado. Esta figura masculina dá a mão para outro homem que pega a mão esquerda do primeiro, fechando o círculo. Ao lado do monumento, um mastro com uma bandeira vermelha hasteada. No outro monumento encontramos a Mulatresse Solitude, representada pela estátua de uma mulher grávida, vestido longo, pano amarrado na cintura, cabelos crespos caídos sobre os ombros, e mãos na cintura. Rosto sério, expressão forte, pés descalços. Ao seu lado, o mastro que hasteia a bandeira vermelha. Por fim, na última rotatória, um homem negro com trajes militares do século XIX, botas, calça, colete aberto, segurando na mão esquerda um binóculo. Ele aponta para esquerda, olha para direita, e parece conduzir seu exército. É a figura de Joseph Ignace.

Pelas ruas de Point-à-Pitre e outras comunas, é possível observar o nome dessas personagens históricas em ruas, avenidas, escolas, liceus, cursos, institutos, associações, prédios comerciais ou residenciais, entre outros. Pinturas, imagens e outros monumentos que representam Delgrès, Ignace e Solitude são vistos com frequência. Na comuna Les Abymes, na mesma Boulevard dos Heróis, na região de Baimbridge, local onde Joseph Ignace morreu, um grande Liceu, o maior da região, tem seu muro todo pintado com figuras de negros escravizados, que se alternam com imagens de Delgrès, Solitude, Ignace, rostos negros diversos, negros aprisionados, negros acorrentados pelo cérebro, negros que resistem, e palavras como “liberdade”, “bravura”, “resistência”, “dignidade”, e pequenos textos assinados por “descendentes de escravos”.

Deparei-me com essas imagens, tendo em vista que o objeto inicial da pesquisa eram as práticas, vivências e concepções de trabalhadores agrícolas da cana de açúcar relacionadas ao seu trabalho e de que maneira este se conectaria com elementos e/ou se definiria como tradicional. Ao pensar nessas questões, contava com a possibilidade de observar, entre esses trabalhadores, memórias e referências ao passado escravista. Para minha surpresa, as memórias do passado escravista permeiam e estão presentes de maneira muito mais marcante, em vários níveis e modos diversos, de uma forma muito mais ampla e significativa, entre o povo de Guadeloupe, do que imaginava. Parece ter um papel importante na definição do que são, nas vivências, nas relações e nas questões contemporâneas, pelo menos no que se refere a certos grupos de guadalupenses.

Assim que cheguei em Guadeloupe o projeto e a pesquisa começaram a tomar novas formas. Meu anfitrião era um homem de meia idade, que eu não conhecia pessoalmente e que fiz contato através de amigos em comum. Após longas conversas por internet ele se propôs a

auxiliar nesta primeira visita exploratória. Trabalhador da construção civil de uma empresa privada, especializado em demolições, é também músico profissional. Baixista de duas bandas, Maroon Awmoni e Kanifisse, toca ainda em um coral e em vários grupos, eventos e bandas que o contratam. Tendo-o como meu anfitrião e expondo meus interesses de pesquisa relacionados à agricultura, memória da escravidão, costumes tradicionais e etc, foi nas primeiras horas que estava em Guadeloupe que tomei conhecimento de vários elementos constantemente acionados que remetem ao passado escravista e a experiência da escravidão. Carros de boi, moinhos de moer cana de açúcar, comidas, o Gwoka.

Essas imagens se somaram aos monumentos em espaços públicos, à muitas tradições, costumes e um amplo movimento de práticas mneumônicas relacionadas à escravidão que pude acompanhar ao longo da minha estada em Guadeloupe. Práticas inscritas em cerimônias, museus, objetos, sons, danças, ritmos, discursos, espaços, monumentos, culto a personagens, projetos e atividades. Este texto buscará apresentar algumas de minhas primeiras experiências de campo, tentando explicitar e fazer uma reflexão inicial sobre algumas dessas práticas, as dinâmicas e relações que possibilitam e inscrevem, os diálogos e concepções que colocam em evidencia. Refletir como silêncios e evocações, práticas de memória relacionadas à escravidão ajudam a compreender as relações entre França e o Caribe francês e as questões contemporâneas que atingem grande parte dos guadalupenses.

Gwo-ka

Na primeira conversa com meu anfitrião, ele logo se referiu ao gwoka, também chamado de ka, que foi logo traduzido para tambour, tambor, para que eu pudesse compreender. Nesta primeira referência, já percebi que apesar de se tratar de tambor, podendo denominar todo e qualquer tambor do mundo, o gwoka ou o ka guadalupense tem especificidades bem marcadas, tipos de tambores, músicas e sons, significados, formas de ser e acontecer próprios e específicos, acionados quando as pessoas se referem ao ka. Com variações, o gwoka é um tambor que mede cerca de 80 cm, tem a base contínua e ovalada, que é feita de madeira, cordas e cordões, a parte superior é de pele de animal, em geral de cabrito. Aos poucos fui percebendo que, além de instrumento, gwoka parece ser um estilo musical, uma maneira, uma configuração de conjuntos de tambores, determinados ritmos e sons, danças, performances e diálogos.

Meu anfitrião prontamente mencionou os sete ritmos tradicionais do gwoka, que são associados a tipos de trabalho. Segundo ele, no período escravista, durante o trabalho, os trabalhadores cantavam cantigas em ritmos específicos, cada tipo de ritmo correspondia e era

cantado em determinado tipo de trabalho. A performance era feita sem instrumentos obviamente, mas esses ritmos se tornaram as sete bases para a percussão guadalupense praticada no ka. Ao que parece, os sete ritmos são: tumbblack, léwoz, gwanjanbel, mende, granjé, woulé e kaladja. Todos com quem conversei sobre o assunto foram enfáticos em afirmar que hoje em dia podem haver variações, adaptações, conjunções e divisões, introdução de novos elementos, nos ritmos tradicionais, mas a base é composta pelos sete ritmos, “não existem novos”, diziam meus interlocutores. Não é incomum hoje, porém, a transposição do que tradicionalmente se fazia com o ka, para outros instrumentos, como violões e guitarras, o que reforça a ideia que gwoka é muito mais que o tambor ou tambores dispostos de determinada maneira e tocando determinados ritmos.

Logo após minha chegada, fomos, em um domingo a noite, à Point-à-Pitre, para que eu conhecesse o centro, e acabamos assistindo uma apresentação de gwoka. São três tambores. Um tambor na vertical ao centro e dois tambores na horizontal, um a direita e outro a esquerda do primeiro. Os percussionistas, tanbouyé, seguram os tambores entre as pernas. É assim que tradicionalmente se toca o gwoka. Uma pessoa ou duas, com seus tambores, podem tocar o gwoka, mas no decorrer do trabalho de campo, fui percebendo que este trio de tambores, com determinados sons, ritmos, performances e diálogos, formam o gwoka propriamente dito. Os cantores iniciavam as cantigas, os ouvintes acompanhavam batendo nas palmas das mãos, logo o gwoka tomava vida, enchendo a praça com seus ritmos contagiantes. Os cantores cantavam em creóle.

No outro lado da praça, algum tempo depois, começou o ensaio da dança do ka. Com um único tambor, o tanbouyé, famoso por ser integrante de um tradicional grupo de Guadeloupe, começa a tocar os ritmos. A professora tomava distância e em linha reta seguia em direção ao tanbouyé, apresentando o conjunto de movimentos a serem executados em sequência pelas alunas. Em trios, as aprendizes reproduziam os movimentos, ao som do tambor e da voz marcante do tanbouyé. As dançarinas vestiam longas saias, com calças por baixo, e apesar de não estarem com as vestimentas tradicionais, essa é a maneira de vestir para dançar o ka. As saias eram levantadas, abertas, rodadas e movimentadas na execução dos movimentos, o que as tornava uma extensão destes e dava um efeito magnífico. Os movimentos eram fortes, violentos e habilidosos, com saltos contínuos, muito movimento de quadril e os braços e saias que acompanhavam numa harmonização do conjunto. As dançarinas tentavam manter a sincronia e dançavam de acordo com o ritmo.

A dança tem que corresponder ao ritmo tocado, ao mesmo tempo em que o ritmo tem que estar de acordo com a dança. Isso não é algo simples ou dado. É um movimento duplo

contínuo, onde ritmos e danças, tocadores e dançarinos agem uns sobre os outros. Os guadalupenses dizem que entre tanbouyé e dançarinos há “uma batalha constante” ou “uma conversa”, o primeiro impõe um ritmo que pressupõe uma dança que prontamente é executada, mas o dançarino pode mudar sua dança e movimentos, obrigando o tocador a alterar o ritmo e maneira de tocar.

Já depois de uma semana em Guadalupe, meu anfitrião fez questão de me levar num sábado de manhã à Point-à-Pitre, pois era o dia consagrado a tocar gwoka, em grandes apresentações, para os turistas principalmente, como forma de ganhar dinheiro. Naquele primeiro domingo e em outros dias de semana, vi apresentações mais esporádicas e espontâneas, mas era sábado de manhã que o gwoka parecia acontecer de fato, como disse meu anfitrião. As apresentações são executadas, significativamente, próximo ao monumento de Vélo, tanbouyé importantíssimo, já falecido, que segundo os guadalupenses levou o gwoka para o mundo e fez com que fosse reconhecido e colocado em pé de igualdade com todos os outros tipos de música e instrumentos. O monumento é uma estátua esculpida na pedra, está sobre um bloco formado por paralelepípedos de diferentes formas e tamanhos, e representa o músico sentado, sem camisa, com uma calça dobrada pouco abaixo do joelho. Ele segura seu gwoka entre as pernas, uma das mãos está sobre o gwoka e a outra no ar, em direção ao instrumento, num nítido gesto de tocar. O monumento é coberto por estruturas de metal dispostas em um círculo que forma uma pequena rotatória, bem no meio da cidade. Na ruela a sua frente, várias barracas montadas vendendo colares, artesanato, roupas, objetos típicos da cultura Guadeloupense. Três tambores dispostos num canto da ruela aguardam. Ficamos esperando.

Quando estávamos no local, meu anfitrião avistou um senhor, e disse que seria bom que eu o conhecesse. Um senhor negro vestido com uma bata azul e branca, com colares de contas de madeira, sentado em um banco e ao lado uma mesa com livros e CDS. Meu anfitrião se apresentou a ele, disse que já o conhecia e eles ficaram lembrando de alguns momentos em que tiveram a oportunidade de estarem juntos. Em seguida me apresentou, dizendo que eu queria pesquisar escravidão em Guadeloupe e tudo que tem relação com isso, e pediu para que ele falasse dos sete ritmos do gwoka. Lukuber Séjor, como se chamava, falou que para uma pesquisa científica como eu pretendia, era bom consultar uns livros, e argumentou que esquecia de muitas coisas, não se preocupava com datas, não lembrava dos detalhes, porque faziam parte do seu dia-a-dia, e me indicou algumas obras de uma pesquisadora local, que cresceu no gwoka e percorreu a vida acadêmica, escrevendo dois

livros muito importantes, com muitas informações valiosas sobre o assunto. Ficamos longamente conversando.

Em determinado momento falamos sobre a Bahia, e ele falou da força do tambor em Guadeloupe. Explicou que ali não havia se desenvolvido a Santería, como em Cuba, e atribuiu o fato a intensa catequese, conversão ao catolicismo e repressão violenta feita pelos colonizadores franceses à outras formas de crença. Mas, disse Séjor, “eles trouxeram suas crenças e sua fé”, e reafirmou que “Em Guadeloupe não se desenvolveu a Santería, como em Cuba, ou o Vodou, como no Haiti, e o candomblé do Brasil, mas o que restou das crenças dos negros está no Gwoka”. Continuou a falar sobre isso, mas não pude compreender bem o que dizia, apenas que estava indicando que no que se refere as suas crenças há bem mais envolvido do que o catolicismo, predominante na ilha. Cada ritmo do tambor tem relação com culto aos deuses e ancestrais, disse Séjor. A música, o tambor, não é apenas cultura, meio de ganhar algum dinheiro, folclore, traz algo de espiritual, traz o passado e herança de seus ancestrais, traz coisas que ainda não pude compreender com clareza, mas remete a escravidão e a um conjunto de questões importantes.

Continuamos a conversa, e ao fim, como o gwoka não começava, eu e meu anfitrião fomos dar uma volta. Logo depois, encontramos novamente Séjor, conversamos mais um pouco, e perguntamos sobre quando começaria o gwoka, ele riu e falou que muitas pessoas passam perguntando a que horas é o tambor e que aquilo não é um voo de avião com horário marcado, é o tambor, “vai acontecer na hora que tiver que acontecer”. Nós rimos e Séjor se aproximou de nós, falando bem baixo, disse que o gwoka tem muitas coisas envolvidas, que tinha escrito um livrinho que explicava os toques do tambor, o significado dos toques, a partir das religiões e crenças trazidas pelos ancestrais africanos. Mostrou suas contas de colar, cada uma representa um toque, continuou a falar de maneira pouco clara e saiu andando, sem se despedir.

Logo depois começou a apresentação, primeiro um tocador, depois dois, e em seguida três, mas o terceiro tocava um chocalho feito de cabaça. As pessoas passavam admiravam, por vezes contribuía. O tanbouyé principal cantava e os demais respondiam. Algumas pessoas paravam e faziam uma pequena dança antes de seguir caminho. A percussão e as vozes graves contagiavam todo o centro de Point-à-Pitre.

Depois disso, meus encontros com o gwoka não pararam de acontecer, outros tambores, grupos e movimentos, em conversas com tocadores de gwoka ou acompanhando apresentações e usos, trouxeram outros significados e nuances desse, que é muito mais que um objeto. Pude perceber o quão complexo é a existência, história e uso do instrumento,

como inscreve uma série de elementos, tempos, espaços, actantes e relações. Um objeto mneumônico, que aciona “tradições”, como diziam meus interlocutores, que atualiza, conta, reconta e faz acontecer uma história continuamente, a da escravidão, história que se liga ao presente e ao que se é, faz parte do que se é.

Museus e Espaços

Na primeira semana, que permaneci em Abymes, em Grand Terre, comecei a percorrer lugares com referências a escravidão. Rapidamente estava no Museu Schoelcher. Trata-se do acervo de objetos recolhidos por Victor Schoelcher, branco, abolicionista, filho de um grande fabricante de peças de porcelana, que começou suas viagens de modo a vender a produção do pai, traçar rotas e realizar acordos comerciais. Tomou consciência da escravidão e se tornou um ativista pela abolição, atuando nas Antilhas francesas. Foi ele quem redigiu a declaração definitiva de abolição da escravidão na região, em 1848. São dois andares de exposição, com objetos recolhidos nas viagens, do Egito, antiguidade clássica, do México, Benin e Antilhas, e um pequeno acervo relacionado à escravidão: objetos de torturas, por exemplo, e um documento que mostra propriedades de uma fazenda, entre os animais e outros bens, os escravos.

Este e outros museus de Guadeloupe fazem referência à escravidão, mas está sendo construído outro especialmente dedicado ao tema, Memorial ACT, que tratará mais especificamente da memória da escravidão. A figura de Victor Schoelcher, contudo, é bastante referida quando se trata do tema, e segundo historiadores com os quais tive a chance de conversar, durante muito tempo as comemorações relacionadas à escravidão giravam em torno desta figura. De fato a pequena ilha impressiona pela quantidade de museus e espaços físicos relacionados à escravidão, sobre os quais se constroem circuitos, discursos, disputas, no processo de contar a história local de determinadas maneiras, e rememorar o passado, sobretudo aquele da escravidão. Com meu anfitrião fomos a uma antiga Casa colonial de uma fazenda açucareira, que se chama Maison Zevallos e oferece visitas, por exemplo.

Na comuna de Port-Louis fui ao Le Pays de La Canne, em Beauport, uma antiga usina açucareira que hoje é um parque temático, com exposições que tratam de várias questões relacionadas a cana de açúcar. São vários estandes, exposições de objetos, vídeos, salas interativas, passeio de trem pelas plantações, interação com objetos típicos do universo agrícola, e obviamente o tema da escravidão é central.

Na comuna de Petit Canal fomos ao antigo Porto e Mercado dos Escravos. Na estrada que dava acesso ao local, ruínas em pedras que outrora fora construções das proximidades do

antigo mercado de escravos. Já no local, identificado por algumas placas, vê-se, além das ruínas de construções, uma grande escadaria e no centro um tambor colocado sobre um altar de mármore, rodeado de lances de escadas, com inscrições: Monumento do escravo desconhecido, de 1994, pelo bicentenário da abolição da escravidão em Guadeloupe, em 7 de junho de 1794. No antigo porto, nenhuma informação, mas um pequeno canal com várias embarcações, e uma área de atracagem que ainda é usada. Soubemos que há uma associação que tenta recuperar o lugar e fazer com que seja reconhecido. Próximo à escadaria vê-se um plano de restauração do sítio. Ao lado da escadaria um busto de bronze. Na escadaria de pedras, em cada nível dos muros laterais observa-se nomes de nações de escravos africanos que chegaram em Guadeloupe. No alto da escadaria tem-se vista do porto.

Após alguns dias em Grand Terre, segui para a outra ilha principal, Basse Terre, para a comuna de Saint Claude, onde fica o campus Jacob da UAG (Université des Antilles et de la Guyane), local em que funciona o curso de História do polo de Guadeloupe da UAG. Saint Claude fica ao lado da comuna de Basse Terre, principal comuna desta ilha, que tem o mesmo nome. Lá, hospedada na Residência Universitária, pude conversar com historiadores, acompanhar debates e participar de eventos no mês de maio relacionados às comemorações da abolição da escravidão, e conhecer outros locais interessantes, como o Fort Delgrès. Uma construção impressionante, muito grande, que serviu de local estratégico para defesa do território sob domínio francês e inglês, já que a ilha foi tomada pelos ingleses algumas vezes no período colonial.

A ênfase hoje, sobre o Fort Delgrès, é sobre o fato de ter sido o ponto de partida para Louis Delgrès, militar, mulato, conduzir suas tropas para lutar contra o processo de reescravização conduzido por Napoleão Bonaparte, em 1802. A narrativa que ouvi com mais frequência no meu período em Guadeloupe dá conta de que no final do século XVIII, durante a Revolução Francesa, com o enfraquecimento do poder central vários movimentos de contestação e disputas podem ser identificados. Com a queda do rei em 1792, membros da Convenção são enviados para manter o controle da ilha, mas muitas revoltas de escravos são observadas. Os Ingleses tomam a ilha em 1794, mas poucos meses depois Victor Hugues a reconquista e estabelece uma política contra invasores e seus apoiadores, além de proclamar a abolição da escravidão. Ainda que alguns apontem que ocorreu um movimento para manter os ex-escravos nas Habitations, as fazendas de produção agrícola, o que teria provocado revoltas dos trabalhadores negros que, além disso, não recebia por seu trabalho, a ênfase é no fato de que os ex-escravos se tornaram cidadãos livres. Hugues saiu em 1798, e seus sucessores realizaram uma política hostil em relação a libertos e antigos livres. Os chamados “homens de

cor” passam a governar a partir de 1801, como em Santo Domingo. Richepanse é enviado por Napoleão, o primeiro cônsul, para reestabelecer o controle sobre a Ilha, bem como a escravidão. O mesmo ocorre para Santo Domingo, com o envio de Leclerc.

Os militares Delgrès e Ignace, respectivamente em Matouba e Baimbridge, junto a inúmeros companheiros suicidam-se em maio de 1802, quando perdem o confronto com os exércitos de Richepanse e antes de serem capturados. A célebre frase que teriam dito antes do suicídio seria: “Vivre libre au mourir!”. Em julho Richepanse restabelece a escravidão. Em Santo Domingo, apesar da captura de Louverture, o movimento prossegue, estimulado inclusive pela notícia do reestabelecimento da escravidão em Guadeloupe, e todo o processo da Revolução haitiana tem lugar. A partir daí, em Guadeloupe, há uma ocupação inglesa entre 1810 até 1815, com a restauração em 1815, toda uma reestruturação da administração colonial francesa é realizada.

O Fort Delgrès é emblemático desse movimento contra o restabelecimento da escravidão, a chamada Revolução guadalupense, primeiro por ter sido o ponto de partida de Louis Delgrès e segundo por abrigar o túmulo do general Richepanse. No fim da visita do grande forte, há ainda um memorial em homenagem a Delgrès, construído pelo bicentenário de sua morte. Feita em pedra, a cabeça do herói, está ao centro de um espiral cercado de pedras, que representam seus soldados mortos na luta contra o reestabelecimento da escravidão em 1802. São locais como esse, emblemáticos para os guadalupenses quando se trata de rememorar a escravidão, sobretudo porque esse movimento revolucionário é aspecto central, assim como seus heróis, cujos monumentos pude observar logo na minha chegada.

Ademais, há todo um trabalho em torno de antigas Habitations, como são chamadas as grandes fazendas coloniais de produção agrícola, sendo feito, tanto por parte de órgãos públicos, como de associações e movimentos sociais, de maneira a recuperar a história desses locais e fazer com que seja conhecida por todos. Transformadas em museus ou locais formais de visitação e pesquisa, que contam com muitos documentos, arquivos, exposições importantes, onde a escravidão tem um lugar central, ou mesmo aquelas que são propriedade privada, estão abandonadas e/ou não são reconhecidas pelo governo, e contam com vários grupos e associações que as identificam e realizam todo um trabalho de maneira a reconhecê-las e fazer “conhecer a nossa história”, configuram-se como aspectos centrais da memória local. A questão da escravidão obviamente não está descolada, e a cada habitation há práticas mneumônicas, diálogos, divergências, que ocorrem no processo de fazê-las existir, descobri-las, redescobri-las, construí-las.

A descoberta de ossadas em praias paradisíacas, as mesmas que são os principais destinos dos milhares de turistas que visitam a Ilha todos os anos, que somados a relatos de moradores antigos, que encontraram artefatos e outros indícios, reabrem os debates, as pesquisas e as disputas em torno dos possíveis cemitérios de escravos. Assim, uma série de movimentos acontecem em torno de espaços relacionados à escravidão, já reconhecidos oficialmente ou espaços que grupos reivindicam que sejam reconhecidos pelo poder público e conhecidos por toda a população. Os portos e mercados de escravos, Fortes militares, habitations, cemitérios, locais de tortura e massacre, monumentos, museus, prisões, locais de produção, ou simplesmente espaços em que a partir da história e de documentos, ou que tradicionalmente se atribui acontecimentos marcantes relacionadas à escravidão. A memória se espacializa e é possível observar paisagens de memória. Espaços que afetam de diversas maneiras os diferentes grupos, que inscrevem uma série de discursos e perspectivas em disputa, que engendram uma série de relações, que vão sendo construídos e reconstruídos continuamente e por diversos actantes, são apenas uma parte das práticas mneumônicas relacionadas à escravidão.

Eventos e Grupos

O mês de maio coloca em relevo muitas questões interessantes. É quando se comemora a revolução contra o reestabelecimento da escravidão em 1802, os mártires desse movimento, como Ignace, Solitude e Delgrès, a abolição definitiva em 1848 e uma série de movimentos, mobilizações e repressões que ao longo do século XX tiveram lugar significativamente neste período e que marcam novas questões do povo guadalupense, que, no entanto, não deixa de relacioná-las ao passado. Em Saint Claude, comecei participando do debate “1802-1848: Resistência e Repressão”, organizado pela associação MOOSE ART, um grupo que desenvolve atividades artísticas e de esporte, como dança, música, fotografia, trilhas, mas que promove debates e atividades com o intuito de estudar e fazer conhecer a história e questões locais. Liderada por dois ex-agricultores da banana, que se mobilizaram no passado para ter os sindicatos locais reconhecidos e por direitos para os trabalhadores, e muito antes do movimento mais intenso de memorialização da escravidão, que data de poucas décadas segundo meus interlocutores, já faziam ações nesse sentido. Aliás, existem centenas de associações no pequeno arquipélago de Guadeloupe, e como alguns fizeram questão de frisar, elas não se limitam a uma atividade e ponto, sempre tem um intuito “cultural”, de descobrir e fazer conhecer finalmente “o que somos”.

Alguns dias depois, participei da atividade Sur les pas de Delgrès ou Si chimen a Delgrès, em creóle, organizado pelas prefeituras de Saint Claude e Bouillante. Do Fort Delgrès saiu um primeiro grupo que percorreria todo o caminho feito por Delgrès. Depois das orientações de segurança, visto que o percurso era muito difícil, o historiador Gérard LAFLEUR fez uma fala tratando dos eventos de 1802 e da história do percurso, que ele mesmo retracou a partir de documentação. Foi dada a largada. Uma hora e meia depois sai com o segundo grupo, de outro ponto. O percurso começava com uma subida íngreme que desembocava numa trilha bem dentro da floresta que subíamos continuamente. Logo me juntei aos dois senhores da associação Moose Art, que havia conhecido no evento anterior. Conversamos muito sobre a história local, eles me mostraram resquícios de antigas Habitations agrícolas dos tempos coloniais, casas de senhores e empregados, as grandes propriedades da região, locais de produção e armazenamento, tumbas, depósitos de banana, e outras ruínas, uma série de traços da história local. Falavam das características desses locais, da história, das transformações ao longo do tempo, de formas de trabalho, costumes e da vida antiga e atual. Conversamos também sobre o Brasil e sobre minha pesquisa, sobre a qual ainda não tinha tratado com eles.

Falamos muito, e a história parecia ser o tema de toda a marcha, todos que encontrávamos falavam da história local, revivendo e recontando-a a partir de cada elemento encontrado, dos resquícios de construções aos elementos naturais, o mar que avistávamos, as montanhas, a densa floresta, os riachos, as plantações. Para mim, era como escutar uma História, mas que era lida nos espaços, e admitia uma série de interlocuções. O caminho era difícil e longo, as pessoas sentiam estar vivendo o que seus ancestrais viveram, podiam racionalizar de determinadas maneiras, através da experiência corporal, o sofrimento que sentiram, as expectativas, os ideais.

O ponto final da caminhada era a prefeitura de Saint Claude. Após quase cinco horas de caminhada, chegávamos. Era possível ver aquele mar branco e vermelho, pois a vestimenta para o evento era roupas brancas e cobertura de cabeça vermelha, sendo embalado por tambores. O grupo de percussão Voukoum, se encontrava no local recebendo os participantes do evento ao som dos tambores. Não o típico gwoka, mas pequenos tambores adaptados para o carnaval, que faziam referência ao Gwoka tradicional. Aquelas centenas de pessoas reunidas, ao som dos tambores, com aquelas cores e movimentos, produzia uma imagem impressionante. Era possível ouvir as pessoas expressarem o forte sentimento que sentiam naquele momento, depois de fazer o percurso de um personagem histórico, recordar essa e outras histórias, sentir na pele as dificuldades, mesmo que em outras proporções e

circunstâncias, numa tentativa de compreender o que seus ancestrais sentiram. Todos juntos caminhamos ao som dos tambores até o local do suicídio de Delgrès. Conversava ainda com meus interlocutores da Moose Art, e seguia a multidão que subia, descia, caminhava, ao ritmo do tambor, em direção a Matouba. Passamos pela estela de Delgrès, que segundo meus interlocutores, esteve por muito tempo abandonada e que inúmeras vezes eles e suas famílias foram até lá para limpar e conservar o monumento. As pessoas passavam gritando: “Seus independentistas!” “Querem revivê-lo?!” Por fim, nas ruínas de Matouba, mais uma vez o historiador Lafleur fez uma apresentação do que ocorreu naquele sítio. Conversei com outras pessoas e participei do almoço de confraternização.

Na sequência de eventos do mês de maio, fui com o pessoal da Moose Art para marcha na comuna de Bouillante. Eles me contaram mais coisas sobre a ilha e história local. A delegação de Saint Claude chegou com um ônibus que transportava alguns funcionários da prefeitura e a delegação de Plombiere les bains, cidade francesa, que fazia intercâmbio com a comuna de Saint Claude. Na praça de Bouillante houve a concentração e organização para evento. As pessoas chegavam, trajando branco e com adornos de cabeça vermelhos. Logo começou o evento “Maché pou libété”. Depois de algumas falas e instruções dadas em creóle, um grupo de percussão pôs-se a tocar animadamente. Um de seus integrantes encheu uma lata com ervas e colocou fogo e começou a circular entre os tocadores e os presentes, espalhando a fumaça por todo o ambiente. As pessoas falavam comigo sobre o poder dos tambores, os sentimentos que provocam, o arrepio, a emoção, sente-se como que levado para outro lugar, flutua-se, “há algo que acontece”, diziam. Não é qualquer coisa, há uma mística do tambor. Depois de mais músicas, defumações e comentários da locutora, chegada de outros percussionistas, demos início a Caminhada.

Foi algo muito interessante, todos juntos, caminhando no ritmo dos tambores, com suas vestes brancas e cabeças vermelhas, lembrando todos aqueles que lutaram por liberdade e conclamando liberdade. Atrás de todo o grupo seguiam alguns carros e o ônibus de Saint Claude. Íamos no embalo, eu, bem no final da marcha, podia observar aquelas pessoas formando um só corpo pulsante, no mesmo ritmo, com as mesmas intenções. Mulheres por vezes soltavam gritos, que acompanhavam o falar dos tambores, as reivindicações dos tambores, que pareciam fazer uma espécie de ligação entre o passado e o presente, estavam lá e agora estão aqui, evocam e são a lembrança, o passado, o acontecimento, o fato, a ação, a fala, a luta, por isso eles estão sempre presentes. Como a cor da pele e a herança ancestral, os tambores vêm junto. Os corpos andam, sobem, dançam, respiram, cantam, sorriem, choram. A fumaça continua a ser produzida, a envolver todos os participantes, e os cânticos são

evocados. Em pontos determinados eram feitas paradas, os tambores continuavam a tocar, as pessoas conversavam, e não paravam, dançavam, cantavam, gritavam. É momento de repor energias, beber água, chupar balas, descansar, mas ninguém parece disposto a deixar o movimento da marcha, deixar o movimento dos tambores. O corpo, a voz, o som, formavam o conjunto. Poesias são recitadas, textos são declamados, tudo em creóle, explicações históricas também são dadas, as pessoas precisam compreender o que aconteceu ali, quem, quando, onde, é o que todos pareciam concordar. O alto-falante não é muito claro, mas as pessoas continuam no ritmo dos tambores. O grito de liberdade é evocado várias vezes. Três paradas são feitas.

Ao que eu perguntava, as pessoas falavam para mim do lado místico, mágico-religioso e espiritual da fumaça, por exemplo, a lembrança também perpassa, necessita, deste lado, talvez porque os ancestrais também o praticavam. A caminhada não era fácil, longos trechos de intensa subida, que continuava. O grupo ia rápido, na batida dos tambores, no ritmo dos músicos, era possível ver a pulsão das pessoas em conjunto no ritmo dos tambores, que todos concordavam, ajudava, oferecia ritmo e energia, como os sete ritmos do gwoka que eram ritmos de trabalho. Depois de cerca de duas horas de caminhada, finalmente chegamos ao memorial de La Liberté. À noite não pude ver muita coisa, mas era um espaço circular com uma estátua de um homem com uma espada na mão e o casco de lambi¹ na outra, em posição de movimento. Lá o grupo continuou a tocar animadamente e as pessoas a dançar, a cantar e a gritar o grito da liberdade. Houve um jantar de comidas típicas, e depois uma sessão de apresentações de músicas e poesias relacionadas ao tema da escravidão. O Gwoka era mais uma vez o astro principal.

Acompanhei, ainda, a programação realizada pelo Conselho Geral no Fort Delgrès, uma programação conjunta dos fortes de Guadeloupe, Fò an Fanmi, com regatas, apresentações de espetáculos teatrais, exposições, discursos, cerimônias de depósito de flores, apresentações de música e dança de vários grupos. No dia 27 de maio, novamente em Bouillante, no dia de comemoração da abolição definitiva, celebrou-se uma missa em creóle e com o gwoka. As pessoas vestiam trajes típicos. Depois houve o depósito de flores por autoridades no Memorial da liberdade, discursos, almoço, músicas, apresentações, uma competição de conhecimentos relacionados à escravidão e a luta negra, estandes com coisas típicas da ilha, entre comidas, produtos, brinquedos, objetos, músicas e trabalho de associações, e o dia se encerrou com uma cerimônia de premiação e apresentações artísticas.

¹ Fruto do mar típico da região, que segundo me contaram tinha o casco usado como instrumento de comunicação pelos escravos.

No dia seguinte, em Saint Claude, dia da morte de Delgrès, foi feita uma cerimônia celebrando a aliança entre essa comuna e Plombiere les bains. À tarde foram feitos depósito de flores na estela de Delgrès e discursos. Houve debates sobre os movimentos de 1802, com presença de historiadores e sociólogos, e uma animação cultural, com música, espetáculo e dança. Alguns dias depois, Moose Art promoveu uma visita a sítios históricos não reconhecidos oficialmente, com a orientação de historiadores e estudiosos das questões. Fizemos paradas e debates em vários pontos, habitations, pontos importantes dos movimentos de 1802, e outros. Todas as falas foram em créole.

Nessas comemorações, cumprem um papel importante, grupos culturais, como Voukoum e Akiyo, o primeiro festejando 25 anos e o segundo 35 anos, são grupos tradicionais no carnaval guadalupense, mas não competem, não desfilam, fazem o déboulés, uma espécie de corrida pelas ruas. São grupos chamados de “MAS À PEAU”, uma referência as pinturas e indumentárias, feitas dos pés a cabeça dos participantes, com temas específicos, para o carnaval. Esses dois grupos principais, somados a outros surgidos posteriormente, caminham juntos, assinaram uma carta comum, e fazem parte de um mesmo movimento. São grupos que nasceram questionando o carnaval guadalupense, espelhado no carnaval Brasileiro e em personagens estrangeiros, questionando a situação política, cultural e social de Guadeloupe, e pretendendo recuperar e exibir o que seria essa Guadeloupe, créole, com vários elementos diversos. São os seus gwokas, os seus lambis, e suas grandes cordas, que chicoteiam o ar e soam no chão fazendo alusão aos castigos físicos dos escravos, que dão os ritmos das comemorações, não de qualquer, obviamente. São eles, por exemplo, que começaram a celebrar e homenagear o sacrifício de Louis Delgrès, o que continuam fazendo em eventos que se aliam ou concorrem com aqueles do Conselho Geral, das prefeituras e partidos, de acordo com suas orientações. São esses grupos que dão o ritmo de uma série de manifestações, como dos 44 dias de greve de 2009, que pararam Guadeloupe, contra os altos preços e a “profitação”.

Assim, esses grupos, em suas atividades cotidianas, buscam de diversas maneiras resgatar, evocar, preservar e divulgar tradições e raízes, para as quais o passado escravista é o horizonte fundamental. Numa outra direção, uma universidade popular independente, YO TE POU NOU SE, desenvolve uma série de atividades que busca recuperar a história do povo Guadalupense, reunindo acadêmicos reconhecidos e pessoas comuns, das mais diversas profissões, mas que acham de fundamental importância trabalhar por uma história local, que segundo eles, ainda é pouco trabalhada, divulgada e conhecida.

Caminhos

Temos, portanto, uma região de pouco mais de 400 000 habitantes, em sua maioria absoluta, negros, que se consideram franceses institucional-administrativamente, mas antes de tudo guadalupense, e ainda, como ouvi de muitos, “ainda uma colônia francesa”. População que em questões fundamentais das suas vivências contemporâneas rememoram o passado escravista. Alguns historiadores e outros interlocutores apontaram que o movimento mais intenso de lembrança do passado escravista, incluindo as comemorações, a celebração de determinados heróis, a construção de monumentos, museus e sítios específicos, e até as manifestações de gwoka e grupos carnavalescos é bastante recente. Segundo meus interlocutores inicia-se com os comunistas no pós-II Guerra, que inclusive recuperaram algumas figuras emblemáticas, o militar mulato Delgrès, em contraposição ao branco burocrata Schoelcher. Alguns artistas são importantes nesse movimento e a partir dos anos 1970/80 o tema ganha força com o movimento independentista. Definir-se como cidadão local, guadalupense, em oposição aos antigos colonizadores e hoje ainda chamados de “metropolitanos” ou no jargão do dia-a-dia “les métró”, passou a ser importante, e a questão da escravidão, da história e da cultura local passam a ser fundamentais. A figura de Ignace, militar negro e ex-escravo se sobrepõe aquela de Delgrès, e surge a de Solitude, sobre quem paira a dúvida entre os historiadores sobre sua real existência, mas que teria sido uma negra ex-escrava, que grávida luta contra a reescravização e foi brutalmente assassinada. A simpatia que esta tem entre a população é impressionante.

Houve ainda, a partir da década de 1970, movimentos de trabalhadores, lutas de sindicatos locais para serem reconhecidos, greves importantes, que parecem se confundir com o movimento independentista e que acabaram desencadeando todo um processo de retomada e valorização da “cultura local”. Como mencionaram os militantes da Moose Art, “A partir daí começa o resgate, não apenas por palavra, mas por ações e de fato, da cultura, e o que é legítimo guadalupense”. A reivindicação do creóle como língua legítima passou a ser forte. Definida pelos militantes como a língua dos escravos, apesar de haver dissonâncias quanto a isso entre historiadores, era proibida de ser utilizada em espaços institucionais, como escolas, universidades, tribunais, hospitais e etc. O Gwoka, tido como coisa de “vyé nèg”, de preto velho que insistentemente continuava praticando-o em detrimento de instrumentos e músicas de “mais qualidade”, passa a ser reivindicado com toda a força. Pessoas e movimentos culturais começam ações no sentido de recuperar, criar e recriar o instrumento, a musicalidade tradicional, trazer para meios oficiais aquilo que vivia de maneira forte e significativa entre as pessoas comuns. Como o próprio creóle, já que quase todos os meus interlocutores mais

velhos afirmavam que seus avós e pais nunca souberam o francês, uma vez que não tiveram acesso a educação formal.

Nas comemorações da abolição da escravidão, não era incomum eu escutar: “Pense você que até pouco tempo esse assunto sequer era mencionado”. A história, sobretudo aquela relacionada à escravidão e tudo que inclui, passa ser vista como algo importante de ser conhecida, valorizada, para que uma identidade própria seja assumida e expressa e a luta e reivindicações por questões contemporâneas seja travada plenamente. Diante dos movimentos feitos pelos guadalupenses, ao longo dos anos, e chegando a tempos mais recentes, percebemos que o próprio governo, hoje não apenas composto por funcionários metropolitanos, iniciam movimentos nesse sentido, de lembrar, conhecer e recuperar o passado escravista.

É nessa convergência de questões, de movimentos que remontam a certo tempo, de encontros entre associações, historiadores, membros do governo, guadalupenses e metropolitanos, turistas, grupos culturais, músicos, escritores, estudantes, pessoas comuns, que encontramos toda a série de práticas mneumônicas relacionadas à escravidão que de modo preliminar expus nesse texto. Interessante que são práticas mneumônicas que envolvem e estão inscritas em espaços, objetos, sons, movimentos corporais, eventos, monumentos, discussões, entre outros.

Memória e práticas mneumônicas são essenciais para a definição de grupos e várias de suas vivências como diversos estudos das ciências sociais tem apontado. A memória é construída e está nas concepções, nos corpos, nos objetos, nos espaços, mas, sobretudo ela é performada, executada, formada e transformada constantemente pelos grupos. Diferentes regimes e construções de memória podem se sobrepor. Nos exercícios de memória muitas vezes os grupos marcam diferenças em relação a outros grupos e expõem suas concepções de diferença. Uma série de elementos incluindo pessoas, objetos, espíritos, deuses, ancestrais e outros, se conjugam e relacionam no sentido de criar e performatizar memórias. São por esses caminhos que irei prosseguir com a pesquisa e aprofundar as reflexões.

Bibliografia:

Colóquio de Saint Claude, 2-3 de maio de 2002. 1802 en Guadeloupe et à Saint-Domingue : réalités et mémoires. Gourbeyre : Société d’Histoire de la Guadeloupe, 2002

ADELAIDE- MERLANDE, Jacques. Les antilles française de leur découverte a nous jours. Paris : Editions Désormeaux.

_____, BÉLÉNUS, R. & RÉGENT, F. La Rébellion de la Guadeloupe, 1801-102. Gourbeyre : Société d'Histoire de la Guadeloupe,

ARGENTI, N. "Things That Don't Come by the Road: Folktales, Fosterage, and Memories of Slavery in the Cameroon Grassfields." In.: *Comparative Studies in Society and History* 52, no. 2: 224-54.

BENOIT, Catherine. Corps, jardins, mémoires: Anthropologie du corps et de l'espace à la Guadeloupe. Paris: CNRS EDITIONS, 2000

BONNIOL, Jean-Luc. Terre- de- Haut des Saintes : Contraintes Insulaires et particularisme ethnique dans la Caraïbe. Paris : Éditions Caribéennes, 1980

_____. "Comment transmettre le souvenir de l'esclavage ? Excès de mémoire, exigence d'histoire...". Paris: Les Presses universitaires de France: *Revue Cités*, no 25, 2006, p. 181-185.

_____. "Les usages publics de la mémoire de l'esclavage colonial". *Revue Matériaux pour l'histoire de notre temps*, 85, 2007, pp. 14-21.

BOUGEROL, Christiane. Le cumul magico-religieux à la Guadeloupe. *Journal de la Société des Américanistes*, 1993, Volume 79, N. 1, pp. 91-103.

BURTON, Richard D. E. & RENO, F. (org) *French and West Indian: Martinique, Guadeloupe and French Guiana today*. University Press of Virginia, 1995

CHÉREL, Emmanuelle. Le memorial de l'abolition de l'esclavage de Nantes. Enjeux et controverses (1998-2012). Paris: PUR, 2012

CHIVALLON, Mémoires antillaises de l'esclavage, *Ethnologie française* 2002/2, Tome XXXVII, p. 601-612.

CUCHE, Denys. Bougerol, C. — Une ethnographie des conflits aux Antilles. Jalousie, commérages, sorcellerie. *Journal de la Société des Américanistes*, 1997, Volume 83, N. 1, pp. 350-355.

DUBOIS, Laurent. *A Colony of Citizens: Revolution and Slave Emancipation in the French Caribbean, 1787-1804*. Omohundro Institute for Early American History and Culture and University of North Carolina Press, 2004.

_____. "Luzes Escravizadas: Repensando a história intelectual do Atlântico francês," *Estudios Afro-Asiáticos*, Ano 26, No. 2 (2004): 331-354

_____. *Les esclaves de la République: l'histoire oubliée de la première émancipation, 1789-1794*. Paris: Calmann- Lévy, 1998.

_____. "La restauration de l'esclavage à la Guadeloupe, 1802-1802," *Cahiers du Brésil Contemporain* 53/54 (2004): 149-162.

_____. "'Citoyens et Amis!' Esclavage, citoyenneté et République dans les Antilles françaises à l'époque révolutionnaire," *Annales: Histoire, Sciences Sociales* 58: 2 (March-April 2003): 281-304.

_____. "Haunting Delgrès," *Radical History Review* 78 (Fall 2000): 166-177.

LAUMUNO, M. H. *Gwoka et politique en Guadeloupe : 1960-2003, 40 ans de construction du « pays »*. Point-à-Pitre: L'Harmattan, 2011

LOCKEL, Gérard. *Gwo-ka Modén*. Point-à-Pitre: ADGKM, 2011

PALMIÉ, Stephan. "A Taste for Human Commodities: Experiencing the Atlantic System." In.: *Slave Cultures and the Culture of Slavery*, edited by Stephan Palmie, 40-54. Knoxville: The University of Tennessee Press, 1995.

_____. "Thinking with Ngangas: Reflections on Embodiment and Limits Of "Objectively Necessary Appearances"." *Comparative Studies in Society and History*, pp. 852-86, 2006.

SAINTON, Jean-Pierre. *La décolonisation improbable. Cultures politiques et conjonctures en Guadeloupe et en Martinique (1943-1967)*. Point-à-Pitre: Éditions Jator, 2012

_____. *Couleur et société en contexte post-esclavagiste. La Guadeloupe à la fin du XIXe siècle - Contribution à l'anthropologie historique de l'aire afro-caraïbe*. Point-à-Pitre: Éditions Jator, 2009

_____. *Les nègres en politique: couleur, identités et stratégies de pouvoir en Guadeloupe au tournant du siècle*. Tese. Université de Provence, 1997. 2 volumes

SCHRAMM, K. "The Slaves of Pikworo: Local Histories, Transatlantic Perspectives". In.: *History & Memory* 23, no. 1: 96-130.

SHAW, Rosalind. "The production of witchcraft/ witchcraft as production: memory, modernity and the slave trade in Sierra Leone". In.: *American Ethnologist*, vol.24, no. 4, nov. 1997, pp. 856-876